

GOVERNO GEORGE W. BUSH (2001-2004): ANÁLISE DOS DOCUMENTOS QUE PRODUZIRAM A ESTRATÉGIA DE SEGURANÇA DO SÉCULO XXI

André Luiz Varella Neves*

RESUMO

No início dos anos 90, em que não obstante as dramáticas mudanças ocorridas no cenário internacional, apontavam o surgimento dos Estados Unidos como a única superpotência global multidimensional sobrevivente, inaugurou um período conhecido como o "momento unipolar". Essas novas condições, com a predominância da supremacia americana fizeram com que fosse trabalhada uma nova estratégia para a estabelecimento de uma pax americana. Isso permitiu que em 1992, no penúltimo ano da Administração George Herbert Walker Bush, se reunissem no Pentágono, estrategistas e formuladores de política externa para, sob a liderança do Secretário de Defesa, Richard Cheney, esboçar um documento que ficou conhecido como "Orientação do Planejamento de Defesa" cujo teor apresentava os passos para a construção de uma pax americana. Isto posto, o objetivo deste artigo é demonstrar a influência dessas ideias que materializaram-se nos documentos oficiais do Governo George Walker Bush a saber: "Quadrienal Revisão de Defesa" de setembro de 2001 e na "Estratégia de Segurança Nacional" de setembro de 2002.

Palavras-chave: George Walker Bush . Orientação Planejamento de Defesa . Estratégia de Segurança Nacional

ABSTRACT

Despite the substantial changes in the international scenario in the early 1990s when the U.S. remained the only surviving superpower, a new era began known as the "Unipolar Moment". Along with the U.S. supremacy, these new conditions fostered a new strategy to establish a pax americana. At the end of the

* Doutor em Ciências Políticas pela Universidade de São Paulo (USP). Mestre pelo Departamento de Ciências Sociais - na área de Relações Internacionais - pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC SP). Desde 2006 ocupa o cargo de Coordenador do Curso de Relações Internacionais do Centro Universitário da Cidade. R. Gonçalves Dias, 56 - Centro - RJ - 2º andar Email: andreavarella17@gmail.com

George Herbert Walker Bush Administration in 1992, a number of strategists and policy makers under the leadership of Secretary of Defense Richard Cheney got together at the Pentagon to draft a document known as "Defense Planning Guidance" that provided the guidelines for the build up of the pax americana. The objective of this article is to point out the influence of these ideas which materialized in the official documents of the George Walker Bush Administration namely " Quadrennial Defense Review" of September 2011 and "National Security Strategy" of September 2002.

Keywords: George Walker Bush Administration, Defense Planning Guidance, National Security Strategy.

INTRODUÇÃO

A Guerra Fria chegou ao fim entre 1989-1991 com a vitória dos Estados Unidos, marcada pela desintegração do bloco comunista e a implosão da União Soviética. A década de 90 foi marcada por um grande debate sobre esses eventos históricos, o que levantou um sem número de questões de ordem geopolítica e estratégica que estavam no centro das atenções do Governo dos Estados Unidos. Essa nova realidade que emergia no cenário internacional vinha acompanhada de várias indagações dos americanos que buscavam entender e identificar a natureza do mundo do Pós-Guerra Fria e as formas de poder que seriam mais importantes; o papel dos Estados Unidos neste novo mundo; as políticas que deveriam seguir para proteger os seus interesses, e quais deveriam ser os recursos militares necessários para desenvolver novos meios para enfrentar as novas ameaças.

As alternativas estratégicas discutidas foram amplas e diversas, polemizava-se se deveria ser adotada uma nova contenção (containment plus) para as novas ameaças, ou adotado um novo tipo de isolacionismo. De um lado, estavam os liberais antimilitaristas e de outro os conservadores anticomunistas que reivindicavam um desengajamento americano substancial do seu papel ativo nos negócios mundiais. Alguns membros do Congresso apregoavam o protecionismo e o nacionalismo econômicos, outros viam o direito internacional e as Nações Unidas como a nova estrela-guia da política internacional.

No início do mandato de George Herbert Walker Bush, um grupo de estrategistas e formuladores de políticas reuniu-se no Pentágono, liderados pelo Secretário de Defesa Richard Cheney, para examinar esse novo quadro da política internacional, a fim de estabelecer qual a postura dos Estados Unidos. Assumindo um enfoque realista das relações internacionais, buscou interpretar as mudanças ocorridas no mundo do pós-Guerra Fria, com o objetivo de estabelecer as novas prioridades estratégicas da política de

poder norte-americana. Esse grupo de formuladores partia do pressuposto de que os EUA estariam vivendo num sistema de característica unipolar e isso implicava assumir um papel central e hegemônico no sistema internacional por possuir um poder multidimensional incontestável e não existir nenhuma potência que tivesse condições de contrastar os interesses americanos.

Em suma, a tarefa desses especialistas foi registrada num documento denominado “Orientação do Planejamento de Defesa”¹ que apresentava no seu escopo os passos para a construção de uma Pax Americana.

Entretanto, essas idéias vazaram para a imprensa, sendo matérias do *Jornal New York Times*, e tiveram uma repercussão muito negativa, pois sofreram duras críticas por parte da classe política, dos intelectuais e da opinião pública, uma vez que as questões ali levantadas foram consideradas demasiadamente ambiciosas. Durante o último ano da Administração George H. W. Bush, entretanto, essa grande estratégia sofreu uma revisão e foi apresentada uma nova versão, publicada pelo Departamento de Defesa através do documento “Nova Estratégia de Defesa Nacional”, de 1993.

Apesar das críticas, esse projeto não foi abandonado, mas reelaborado durante a década de 90, pela terceira geração do movimento neoconservador, que manteve vivos os princípios apontados em 1992, veiculados através de artigos em revistas especializadas como *Foreign Affairs*, ou através do Think Tank como o Projeto para um Novo Século Americano - PNAC. Todo esse esforço obteve êxito, pois prosperariam anos mais tarde, convergindo para dois documentos oficiais publicados no primeiro mandato do Presidente George Walker Bush, após os ataques terroristas de Onze de Setembro, a saber: “Revisão Quadrienal de Defesa”, de setembro de 2001 e a “Estratégia de Defesa Nacional”, de setembro de 2002.

Isso posto, o artigo está dividido da seguinte forma: Inicialmente apresentamos as mudanças no cenário internacional com o fim da Guerra Fria. Na seção seguinte, analisaremos os documentos originais da “Orientação do Planejamento de Defesa de 1992”. Nas duas últimas sessões, comentaremos sobre a terceira geração dos neo conservadores e buscaremos apontar os pontos comuns com os documentos oficiais do Governo George Walker Bush, no interesse de demonstrar a influência das idéias dos estrategistas do Pentágono de 1992, na construção da agenda para estratégia americana no início do século XXI.

¹ Em inglês : Defense Planning Guidance.

O FIM DA GUERRA FRIA E A NOVA ORDEM MUNDIAL

Assinalando o fim da Guerra Fria, uma “nova ordem” mundial foi declarada pelo Presidente George Herbert Walker Bush no início da década de 90.

Desde o fim da Segunda Guerra Mundial, nenhum Presidente americano tinha enfrentado tanto em extensão como em intensidade tamanha turbulência global e o mundo com que o Governo Bush estava acostumado a lidar estava chegando ao fim e havia necessidade de definir suas prioridades.

O progressivo dismantelamento do Império soviético finalizou aproximadamente no meio do mandato de George H.W. Bush, em dezembro de 1991, o que, para Brzezinski², significou início da supremacia global americana.

Todos estes eventos demonstraram a nova realidade do cenário internacional, no qual os Estados Unidos tornaram-se a única superpotência, com poder incontestável, tanto no aspecto militar convencional e nuclear, vivendo o que Charles Krauthammer, cunhou de um momento unipolar³.

Diante desse novo panorama internacional, reuniu-se um pequeno grupo de estrategistas no Pentágono, que, sob o comando do então Secretário de Defesa, Richard Cheney, tiveram a incumbência de esboçar uma nova estratégia para guiar os Estados Unidos no exercício do papel de superpotência solitária.

O trabalho foi consubstanciado no que ficou conhecido como “Orientação do Planejamento de Defesa”, de 1992, e buscou traçar os novos objetivos da América, através do remodelamento do orçamento e do planejamento militar.

Segundo Chollette e Goldgeier, esse foi considerado o primeiro esforço do Governo para esquematizar uma estratégia depois do colapso da União Soviética e que, esboçado num primeiro momento por Zalmay Khalilzad, assistente do Subdiretor Paul Wolfowitz, acabou vazando para a imprensa, numa matéria do New York Times, da jornalista Patrick Tyler, em março de 1992.

² BRZEZINSKI, Z. Second Chance.p.48.

³ Esse termo está associado ao jornalista do New York Times, Charles Krauthammer que em 1990, declarou que aquele momento, logo após o fim da Guerra Fria, apresentava-se os Estados Unidos como poder incontestável, o que o levou a afirmar que o sistema assumia a forma de unipolaridade e não de multipolaridade. “[...] Trata-se de um erro imaginar que o velho mundo bi polar iria se dispersar em vários centros de poder como o Japão, a Alemanha, a China e até mesmo a enfraquecida União Soviética. O imediato pós Guerra Fria não é um mundo multipolar, e sim, unipolar e o centro do poder mundial é incontestavelmente os Estados Unidos da América. [...]. Cf Krauthammer, “The Unipolar Moment”, Foreign Affairs. 1990/91.

Revela essa reportagem, que estava em andamento um plano para estabelecimento de uma pax americana, cujo primeiro objetivo era prevenir a emergência de um novo rival, tanto no território que pertenceu à ex-União Soviética ou em qualquer outro lugar, que ameaçasse a segurança dos Estados Unidos. Por isso, havia a necessidade de impedir qualquer poder hostil de dominar as regiões cujos recursos pudessem transformar essa rival numa nova potência global⁴. Essa postura seria a consideração dominante que sublinharia a “Nova Estratégia de Defesa Regional”, publicada em janeiro de 1993, no final do Governo George Herbert Walker Bush.

Para os autores, a estratégia era um recado para os aliados americanos, como o Japão e a Alemanha, vistos pelo Pentágono como potenciais rivais para a dominação regional. Os estrategistas também achavam que os Estados Unidos não deveriam desmobilizar as suas tropas, pelo contrário, os mecanismos de dissuasão para potenciais competidores que aspirassem a uma posição de liderança regional e global, deveriam ser mantidos para evitar que uma potência rival tivesse o objetivo de ganhar a predominância militar no mundo.

Os Estados Unidos para manter sua liderança e garantir sua segurança deveriam salvaguardar a democracia na Rússia, apoiar a Aliança Atlântica (OTAN) para expandir as parcerias nos países da Europa Central e Oriental, permanecer forte no Pacífico, a fim de deter o crescimento da China e defender a Coreia do Sul e Taiwan. Concomitantemente a essas ações, deveriam preservar a manutenção do fornecimento de petróleo, assim como estabelecer uma política para prevenir uma corrida armamentista nuclear entre a Índia e o Paquistão.

“ORIENTAÇÃO PARA PLANEJAMENTO DE DEFESA” (1992): GUIA DE AÇÃO.

Logo em seguida ao fim do império soviético, os oficiais do Pentágono já produziam uma primeira versão de como os Estados Unidos deveriam portar-se no novo momento. Essa versão, como comentamos, ficou conhecida como a “Orientação para Planejamento de Defesa” produzida em 1992⁵.

O documento alertava para a necessidade de construir-se uma nova estratégia de segurança, que foi apresentada no final do Governo George Herbert Walker Bush pelo então Secretário de Defesa, Richard Cheney,

⁴ CHOLETE, D; J.GOLDGEIER American Between Wars. p. 43-44.

⁵ Em inglês : Defense Planning Guidance.

⁶ Em inglês : Defense Strategy for the 1990s: The Regional Defense Strategy.

intitulada de “Nova Estratégia de Defesa Regional”⁶.

Alguns temas apontados naquele documento iriam retornar na Administração de George Walker Bush, 2001, ficando claro que o principal objetivo dos Estados Unidos deveria ser o de impedir a emergência de uma superpotência rival que dominasse uma região com excedentes de recursos suficientes para gerar poder em escala global.

Em essência significava a síntese de uma revisão de postura global de qual seria a política estratégica que os Estados Unidos deveriam adotar no início da década de noventa para as regiões da Europa Ocidental, da antiga União Soviética, no leste e no sudoeste da Ásia e no Oriente Médio⁷.

Os documentos da “Orientação do Planejamento Defesa” foram liberados para conhecimento público através do “The National Security Archive”⁸.

Foram disponibilizados slides, esboços e alguns textos vazados na imprensa americana através do New York Times, no total de 14 arquivos, como também o relatório do Secretário de Defesa, Richard Cheney de 1993, intitulado de ‘Estratégia de Defesa Regional’.

Do total desses arquivos abordaremos e comentaremos cinco, os quais intitulamos arbitrariamente de:

- Documento 1: ‘Slides do Planejamento para a Mudança Estratégica’;
- Documento 2: ‘Primeiro Esboço da Orientação do Planejamento de Defesa - 03/09/1991’;
- Documento 3: ‘Segundo Esboço da Orientação do Planejamento de Defesa - 18/02/1992’ ; Documento 4: ‘The New York Times - 08/03/1992’ e por último;
- Documento 5 : ‘Estratégia de Defesa Nacional’

7 DINIZ, E. Encerrando a Guerra Fria: revisão da postura global. *Conjuntura Internacional*. 5 de outubro de 2004.p5.

8 The National Security Archive : é um instituto de pesquisa não governamental localizado na Universidade George Washington. Esta instituição publica documentos governamentais que não tenham mais o selo de confidenciais os quais são obtidos através de vários métodos como Freedom of Information Act, Mandatory Declassification Review, Presidential Paper Collections. O trabalho junto às agencias governamentais é obter documentos para ajudar a elucidar o processo decisório do governo e fornecer o contexto histórico destas decisões. Cf: The National Security Archive. Disponível em: http://www.gwu.edu/~nsarchiv/nsa/the_archive.html. Acesso em: 10. Dez. 2009.

DOCUMENTO 1: 'SLIDES DO PLANEJAMENTO PARA A MUDANÇA ESTRATÉGICA'⁹

Neste painel está a apresentação do então sub Secretário para a Política de Defesa, Paul Wolfowitz na palestra para o Sub Secretário Donald J. Atwood, da Comissão de Recursos para o Planejamento de Defesa. O texto fornece uma visão panorâmica do processo de preparação para o planejamento de defesa do ano fiscal que abrangeria o período de 1994/1998.

O documento foi esquematizado para apontar três temas considerados de suma importância: (1) as lições que deveriam ser extraídas da experiência da Guerra do Golfo em 1991, (b) os desafios de segurança regional que se apresentavam na forma das novas ameaças e (c) as implicações da revolução tecnológica militar.

Os três aspectos seriam considerados os pontos nevrálgicos dentro do planejamento de defesa na década de 90 e apontam os objetivos políticos e militares que deveriam ser avaliados após exaustivos debates através de revistas especializadas e de think tank. O período estabelecido é do outono de 1989 até 21 de fevereiro de 1991, coincidentemente na véspera da queda do Muro de Berlim e após a derrota de Saddam Hussein na Primeira Guerra do Golfo. No primeiro slide já é colocada a necessidade da construção de um manual de um novo planejamento de defesa por conta das mudanças no cenário internacional, como por exemplo: a) a redução da ameaça do poder soviético que já apresentava sinais de exaustão no início da década de noventa e, b) o surgimento de novos focos de ameaças regionais no sudeste da Ásia. Neste mapa eles apontam que o final da nova estratégia de defesa estaria encerrada em 21 de fevereiro de 1991.

DOCUMENTO 2: 'PRIMEIRO ESBOÇO DA ORIENTAÇÃO DO PLANEJAMENTO DE DEFESA - 03 /09/ 1991'¹⁰

O segundo documento é considerado o primeiro esboço da Orientação

⁹ BURR, W. "Prevent the Reemergence of a New Rival". Disponível em: [http://www.gwu.edu/~nsarchive/nukevault/ ebb245 /index. html.#doc3](http://www.gwu.edu/~nsarchive/nukevault/ebb245/index.html#doc3). Acesso em: 10. Dez.2009. Cf. Anexo A. p. 231.

¹⁰ BURR, W. "Prevent the Reemergence of a New Rival". Disponível em: <http://www.gwu.edu/~nsarchive/nukevault/ ebb245 /index.html#doc2>. Acesso em: 10. Dez.2009.

do Planejamento de Defesa. Notar que foi lançado em 03 de setembro de 1991, às vésperas do desaparecimento da União Soviética, que ocorreria três meses depois.

Ele vem assinado por três especialistas, que, assim como Paul Wolfowitz, foram alunos de Albert Wohlstetter ¹¹, a saber: Abram N. Shulsky ¹², Paul Kozemchak ¹³ e Andre R. Hoehn ¹⁴.

A primeira parte do documento é assinada por Abram Shulsky; verifica-se de imediato que a análise elaborada pelo especialista baseia-se nos fatos do fim da hegemonia soviética sobre os países do leste europeu, identificada com a retirada das tropas da Hungria, da Tchecoslováquia, e o planejamento de retirada da Alemanha Oriental e da Polônia. Além do descrédito do comunismo como ideologia e a crise econômica e política enfrentada pela União Soviética, os Estados Unidos, no final do ano de 1991, já deveriam ser considerados como a única superpotência dominante. Gozando de um poder político e militar sem precedentes nesse último século, a Shulsky esta situação obrigaria a uma revisão dos objetivos políticos e militares no documento original.

Em seguida, na página cinco, na letra (s), continua argumentando que o outro objetivo político militar tem de direcionar-se para as fontes de conflito regionais que causam instabilidade, a fim de promover o respeito pelas leis

¹¹ ALBERT WOHLSTETTER: Considerado um dos maiores intelectuais sobre estratégia nuclear no século XX, influenciou os principais estrategistas do movimento neoconservador, alguns dos quais foram seus alunos e estiveram envolvidos na elaboração do projeto do Pentágono, denominado "Orientação de Planejamento de Defesa", em 1992. Entre estes, encontramos Paul Wolfowitz, Richard Pearle, Zalmay Khalilzad e Paul Kozemchak. As preocupações do matemático em relação à melhoria tecnológica dos mísseis balísticos, repercutirá na revolução dos assuntos militares e na transformação das Forças Americanas no Governo George Walker Bush, através do seu Secretário Donald Rumsfeld.

ZALMAY KHALIZAD: Trabalhou com Paul Wolfowitz na Administração Reagan, e escreveu o primeiro esboço e foi o relator do documento "Orientação de Planejamento da Defesa" de 1991 que vazou para a imprensa americana. Cf. MANN, J. Rise of The Vulcans. p.113 e 199.

¹² ABRAMN. SHULSKY: É um scholar em assuntos sobre inteligência e atuou como Conselheiro no Pentágono durante o Governo George Walker Bush, chefiando o controvertido Office of Special Plans (OSP) que foi acusado de distorcer documentos para sustentar a ação na Guerra do Iraque. Cf. Institute for Policy Studies. Disponível em <http://www.ips-dc.org/>

¹³ PAUL KOZEMCHAK: Funcionário do DARPA - Defense Advanced Research Projects Agency. Foi criado em 1958 como a Advanced Research Projects Agency (ARPA). Os políticos e as comunidades de defesa reconheceram a necessidade de uma organização de estratégia de alto nível para formular e executar projetos de P & D que iriam expandir as fronteiras da tecnologia para além das necessidades imediatas e específicas do serviço Militar e seus laboratórios. A Agência tem como principal missão manter a superioridade tecnológica militar e impedir qualquer surpresa tecnológica que possa atingir a segurança nacional.

¹⁴ ANDREW R HOEHN: Atualmente Diretor RAND Project AIR FORCE (PAF) desde Outubro de 2006. Durante seis anos, no período de 1998 a 2004 atuou como Assistente para Assuntos Estratégicos no Departamento de Defesa. Cf. RAND. Disponível em http://www.rand.org/hoehn_andrew_r.html

internacionais e expandir as formas democráticas de governo, acompanhadas do desenvolvimento do sistema econômico de livre mercado. O especialista continua o seu argumento dizendo que os Estados Unidos, nesse novo cenário, permanecem com a responsabilidade de impedir que qualquer ameaça aos interesses americanos ou aos aliados causem desequilíbrio nas relações internacionais. Os interesses apontados pelo especialista são o acesso às matérias-primas vitais, como o petróleo do Golfo Pérsico e o perigo da proliferação de armamentos nucleares e mísseis balísticos. Encerra seus comentários apontando que a ordem mundial terá nos Estados Unidos o fator estabilizador.

Na seção “Novas Tecnologias e Nova Estratégia de Defesa”, encontramos Kozemchac argumentando que a superioridade tecnológica que foi decisiva para o sucesso na Guerra do Golfo e que a manutenção dessa vantagem em face das reduções da estrutura de força, da base industrial de defesa e a proliferação da tecnologia no meio-ambiente global, é o primeiro objetivo desse programa. E apontam dois objetivos-chave para o período 1994/1999: (a) os Estados devem perseguir agressivamente a inovação tecnológica e (b) incorporar os resultados de tais inovações nas unidades militares.

Kozemchac assevera que os Estados Unidos devem continuar no mínimo uma geração à frente no desenvolvimento de tecnologia de armamentos e que a futura geração de soldados do Exército, da Marinha e da Força Aérea deve ter a mesma vantagem qualitativa sobre os seus oponentes como ocorreu na Operação Tempestade no Deserto. Para que isso seja alcançado, diz o documento, os Estados Unidos devem manter um robusto programa de pesquisa e desenvolvimento e que os investimentos de inovação devem alcançar níveis que permitam ao país dominar a revolução tecnológica e militar naquele momento e num futuro próximo.

O especialista aponta alguns aspectos tecnológicos que deveriam ser atendidos: (a) por um rede automatizada integrada para planejamento de contingência que permitiria aos Comandantes militares e sua equipe avaliar, visualizar os resultados das ações simuladas dos exercícios dos planos de campanha e (b) por sistemas de planejamento, apoiados por uma rede de vigilância local e global de comunicação para que houvesse avaliação, planejamento e execução do plano de ataque em ‘qualquer hora, qualquer lugar’, próximo ao tempo real.

Para Kozemchek:

Agora, nós podemos ver alvos que não podemos

¹⁵KOZEMCHACK. In: “New Technologies and The New Defense Strategy” p.14. BURR, W. “Prevent the Reemergence of a New Rival”. Disponível em: <http://www.gwu.edu/~nsarchiv/nukevault/ebb245/doc02.pdf>. Acesso em: 10 Dez. 2009.

destruir, e destruir alvos que não podemos ver. Nós queremos forças militares e armas que tenham esses dois critérios – tudo sobrevive, exceto nosso alvo.¹⁵

DOCUMENTO 3: ‘SEGUNDO ESBOÇO DA ORIENTAÇÃO DO PLANEJAMENTO DE DEFESA – 18 /02/1992’¹⁶

O terceiro documento foi escrito após o desaparecimento da União Soviética; algumas das suas passagens mais polêmicas vazaram na imprensa, precisamente no Jornal The New York Times em 08 de março de 1992.

Na letra (A) da seção “objetivo político da segurança nacional” afirma-se que, no meio da nova era de mudanças essenciais, a liderança dos Estados Unidos deverá manter-se em vigor e permanecerá constantemente competitiva e aponta os objetivos fundamentais: 1] a primeira prioridade é que a sobrevivência dos Estados Unidos como país livre e independente deverá manter intacto os valores fundamentais e a segurança das instituições e pessoas; 2] orienta a manutenção da promoção e expansão dos ideais políticos e econômicos: democracia e livre-mercado; 3] manutenção da segurança nacional, regional e global

Na seção “objetivos da estratégia de defesa”, na letra (S), encontramos a passagem que causou polêmica: o documento aponta que o primeiro objetivo da estratégia dos Estados Unidos no mundo do Pós-Guerra Fria seria impedir o surgimento de um novo rival no território da ex-União Soviética. Continua a argumentação afirmando que esta é uma consideração que está sustentando a nova estratégia de defesa nacional e requer que os Estados Unidos esforcem-se para impedir que qualquer potência dominasse regiões cujos recursos permitissem que ela se tornasse um poder global. O documento aponta as seguintes regiões: Europa Ocidental, leste da Ásia, o território que foi dominado pela União Soviética e o sudoeste da Ásia.

Os aspectos adicionais que acompanham essa ideia central são as seguintes: (a) Os Estados Unidos devem apresentar a liderança necessária para estabelecer e proteger a nova ordem que estava surgindo, convencendo potenciais competidores de que não necessitavam aspirar a uma posição mais agressiva para proteger os seus legítimos interesses. (b) O outro ponto é que os Estados Unidos devem desencorajar outras nações de industrialização avançada em desafiar a liderança americana ou procurarem estabelecer uma ordem política e econômica regional. (c) O terceiro aspecto é que os Estados Unidos devem manter mecanismos para dissuadir potenciais competidores

¹⁶ BURR, W. “Prevent the Reemergence of a New Rival”. Disponível em: http://www.gwu.edu/~nsarchiv/nukevault/ebb245/doc03_full.pdf. Acesso em: 10 Dez.2009.

de aspirarem a um maior espaço regional ou a buscarem uma dominação no globo como um todo.

DOCUMENTO 4: 'THE NEW YORK TIMES - 08/03/1992' ¹⁷

O esboço de 18 de fevereiro de 1992 vaza para a grande imprensa americana, sendo liberado para o conhecimento público através da matéria do Jornal The New York Times, assinada pela jornalista Patrick Tyler.

Ela expôs os mesmos objetivos do primeiro esboço e acrescentou que os estrategistas do Pentágono não acreditavam na possibilidade de que ocorresse um desafio convencional global contra os Estados Unidos e o Ocidente vindo do coração da Eurásia, pois era muito improvável que surgisse uma liderança que tivesse condições de substituir a antiga União Soviética. Aduziu que dentro das ações estratégicas estava previsto que os Estados Unidos deveriam manter o status de potência militar de primeira grandeza na região do sudoeste da Ásia, aumentando e fortalecendo o relacionamento político e econômico ao longo da costa do Pacífico.

Em relação ao Oriente Médio e ao Sudoeste da Ásia, o objetivo político era de manter a presença militar americana na região a fim de preservar o acesso ao petróleo. O exemplo mais claro foi demonstrado na invasão ao Iraque na Guerra do Golfo.¹⁸

Na página central da matéria, apresentam-se cinco cenários como passíveis de turbulências políticas e crises regionais, e que, por isso, havia necessidade de se estudar a situação regional a fim de estabelecer uma estratégia condizente com o local. Os cenários contemplavam os seguintes Estados:

O primeiro é em relação a Cuba e à Coreia do Norte, no momento pós-Guerra Fria; com o desmoronamento da União Soviética, os formuladores do plano temiam que ambos tomassem alguma atitude irracional em relação aos Estados Unidos.

O segundo cenário refere-se ao Iraque, à Coreia do Norte, ao Paquistão e ao Irã, em que postula uma ação militar dos Estados Unidos para prevenir

¹⁷ TAYLOR, P. U.S. Strategy Plan Calls for insuring no rivals develop. The New York Times, March, 08, 1992.p.14. Cf. BURR, W. "Prevent the Reemergence of a New Rival". Disponível em: <http://www.gwu.edu/~nsarchiv>. Acesso em 10 Dez.2009.

¹⁸ EXCERPTS FROM PENTAGON'S PLAN. 'Prevent the Re Emergence of New Rival' . The New York Times, March 7, 1992. Disponível em: <http://www.nytimes.com/1992/03/08> Acesso em: 20.Nov.2009.

o desenvolvimento de armas nucleares.

No terceiro cenário, os Estados Unidos devem continuar apontando as armas nucleares para a Rússia ou outros adversários nucleares.

O quarto cenário aponta que os Estados Unidos devem manter sua forte presença na Europa por meio da OTAN, a fim de estender o compromisso de defesa do Ocidente para dentro do leste europeu.

Finalizando, o quinto cenário orienta os Estados Unidos deveriam manter-se atentos em relação ao Japão e à Coreia, pois existia uma ameaça potencial de desestabilização no Extremo Oriente em virtude da percepção de que ambos estariam buscando uma melhoria na posição de potências regionais.

Em suma, podemos, diante da leitura parcial desses documentos, elencar os pontos cardeais, os quais estarão presentes em toda discussão sobre a grande estratégia dos Estados Unidos ao longo da década de noventa, cujo objetivo principal era impedir o surgimento de qualquer potência inimiga de tornar-se hegemônica em áreas de interesses estratégicos americanos.

Os autores do plano argumentavam que os Estados Unidos deveriam agir da seguinte maneira:

Estabelecer investimentos na área da defesa para desenvolver uma revolução tecnológico-militar, a fim de preservar a superioridade no desenvolvimento de sistemas de armamentos de última geração, como, por exemplo, munições inteligentes.

Sustentar a presença dos Estados Unidos em terra, ar e mar para manter suas forças nos áreas mais importantes estrategicamente, tendo condições de responder às crises políticas que surjam nessas regiões e que poderão afetar os interesses americanos. Em outras palavras, é manter o livre acesso a mercados e áreas com produção de matéria prima energética.

Preservar uma menor força de dissuasão nuclear, mas que essa força tenha condições de garantir a sobrevivência dos Estados Unidos, dando condições de manter o regime global, afiançando a segurança e possa detendo as forças nucleares da Rússia.

Desenvolver um sistema de defesa de mísseis que tenha condições de atuar como um escudo contra qualquer lançamento acidental ou limitar os ataques dos Estados fora-da-lei.

Manter a capacidade de reconstituir as forças militares em situações em que uma potência hegemônica regional torne-se uma ameaça global.

Estimular uma política a fim de integrar as novas democracias surgidas no antigo condomínio soviético, atraindo-as para dentro do sistema político liderado pelos EUA.

Trabalhar com os aliados europeus na OTAN e estar pronto para agir

unilateralmente ou com somente poucas nações, quando a ação multilateral e cooperativa for muito vagarosa na tomada de decisões a fim de proteger os interesses vitais dos Estados Unidos.

DOCUMENTO 5 : 'ESTRATÉGIA DE DEFESA REGIONAL' ¹⁹

Esse documento, resultado do trabalho da "Orientação do Planejamento da Defesa" de 1992, foi publicado em janeiro de 1993 na 'Estratégia de Defesa Regional' sob a liderança do então Secretário de Defesa, Richard Cheney. Está dividido em três seções: I - Objetivo político de Defesa, II - A Estratégia Regional de Defesa, e III - Os desafios e objetivos regionais.

Verificamos de imediato que, na introdução declara que, com o fim da Guerra Fria, os Estados Unidos têm a oportunidade de manter e construir uma segurança global sem precedentes dentro dos ideais democráticos. Percebem que com o fim da Guerra, não existe ameaça global alguma e que as alianças construídas durante a Guerra Fria na estratégia de contenção permitem os Estados Unidos liderarem e moldarem a nova realidade que se apresenta a fim de preservar as conquistas realizadas.

Declara, reafirmando a percepção da "Orientação do Planejamento de Defesa", que os Estados Unidos devem impedir que as potências hostis não-democráticas dominem as regiões críticas aos interesses americanos. Continua argumentando que o país tem o interesse de agir coletivamente, mas em algumas oportunidades, não havendo tempo hábil, os Estados Unidos deverão agir sozinhos.

Já naquele ano, 1993, por causa da desmobilização das tropas americanas no exterior devido ao fim da Guerra Fria, o documento entendia a necessidade de estabelecer uma estratégia de baixo custo, mas advertia que a sociedade americana não poderia desenvolver-se se estivesse assediada pelas crises externas, por isso, alertavam que os Estados Unidos não deveriam desperdiçar todo o sistema de segurança construído com grande sacrifício durante a Guerra Fria.

Adverte que a desmobilização das tropas, incluindo pessoal militar e civil, reduziria as forças sensivelmente e desestruturaria o poder militar, atingindo os níveis mais baixos do que antes da Guerra da Coreia e o orçamento da defesa reproduziria o mais baixo percentual do PIB desde o ataque de Pearl Harbour. Continua advertindo que os Estados Unidos

¹⁹ ESTRATÉGIA DE DEFESA REGIONAL. Cf. BURR, W. "Prevent the Reemergence of a New Rival". Disponível em: <http://www.gwu.edu/~nsarchiv/nukevault/ebb245/doc15.pdf>. Acesso em: 10.Dez.2009.

devem manter a capacidade das suas forças militares para fazer face às novas ameaças, pois o mundo permanece imprevisível e bem armado e as causas dos conflitos permanecem.

Reprisando as advertências e orientações do guia de planejamento de defesa, apontavam os seguintes pontos cardeais:

- a) Deter e derrotar o ataque vindo de qualquer fonte contra os Estados Unidos e os seus cidadãos, e para honrar nossa História [...].
- b) O segundo objetivo é fortalecer e estender sistemas de defesa que una as nações democráticas para o objetivo comum de defesa contra a agressão, construção de hábitos de cooperação e escapar da renacionalização de um política de segurança e fornecer uma segurança com baixo custo e risco para todos.
- c) O terceiro é impedir qualquer nação hostil de dominar uma região crítica aos interesses dos Estados Unidos, como também fortalecer barreiras contra a emergência de uma ameaça global. Essas regiões incluem Europa, Ásia, Oriente Médio, Golfo Pérsico e a América Latina.
- d) O quarto objetivo é ajudar a impedir o conflito reduzindo as fontes de instabilidade regional, e limitar a violência devendo incentivar o desenvolvimento da democracia, abertura de mercados. [...] o Departamento de Defesa deve apoiar a luta contra o tráfico de drogas, terrorismo e outros eventos que ameacem a democracia. [tradução nossa].²⁰

MOVIMENTO NEOCONSERVADOR: TERCEIRA GERAÇÃO - ANOS 90.

Na metade da década de noventa, durante os anos Clinton, as idéias discutidas em 1992 na “Orientação Planejamento de Defesa” e que foram adotadas na “Estratégia de Defesa Regional” demonstraram estarem ainda vivas. Elas ressurgem através da manifestação do da terceira geração dos neoconservadores²¹ que estavam estabelecidos dentro do Partido Republicano.

²⁰ ESTRATÉGIA DE DEFESA REGIONAL. “I- Defense Policy Goals”. p.3. Cf. BURR, W. “Prevent the Reemergence of a New Rival”. Disponível em: <http://www.gwu.edu/~nsarchiv/ukevault/ebb245/doc15.pdf>. Acesso em: 10. Dez. 2009.

²¹ Terceira Geração de Neoconservadores: Os mais jovens neo conservadores, como William Kristol, filho de Irving Kristol, Robert Kagan, Elliot Abrams e Charles Krauthammer assumem a liderança do movimento que estava sendo conduzido por Irving Kristol e Norman Podhoretz. Cf. EHRMAN, J. The Rise of NeoConservatism. p.174.

O novo grupo, liderado por William Kristol juntamente com Robert Kagan, ressuscitou o movimento através de duas iniciativas: o lançamento da Revista “Weekley Standard” e a inauguração do think tank a que eles denominaram de “Project for The New America Century” (PNAC). De imediato, com o lançamento da página no site, iniciam com críticas à política externa do Presidente Clinton, pois a consideram sem rumo e incoerente.

Em 2000, nas vésperas da decisão da corrida para a Casa Branca, lançam um artigo intitulado “Reconstrução para as Defesas da América”, que contava com Paul Wolfowitz, Donald Rumsfeld, Jeb Bush e outros intelectuais do movimento que reiteraria as orientações apresentadas pelos estrategistas do Pentágono em 1992.

As principais posições desse novo grupo de neoconservadores foram estabelecidas em artigo na *Foreign Affairs*, repetidas nos princípios do PNAC, quais sejam: (a) o poder americano seria o promotor do bem, (b) os Estados Unidos deveriam remodelar o mundo, a fim de não ser dominado por potências hostis, (c) os Estados Unidos deveriam agir unilateralmente quando e se necessário.²²

Esses autores defendiam uma “hegemonia benevolente” sob a liderança dos Estados Unidos cuja política deveria resistir ou impedir a ascensão de ditadores e ideologias hostis aos interesses americanos. Tal política deveria apoiar-se nos princípios liberais democráticos e prover de assistência aqueles que lutavam contra as manifestações mais extremadas da maldade humana.

Nessa nova agenda neoconservadora, em vez de privilegiarem as instituições internacionais, Kristol e Kagan enfatizaram três instrumentos para a projeção do poder dos Estados Unidos: (a) superioridade militar esmagadora; (b) dedicação renovada às alianças dos Estados Unidos; (c) defesa por mísseis como meio de proteger o solo americano de contra-ataques.

Defendiam explicitamente uma mudança de regime como componente central da sua política neo-reaganista e sustentavam essa argumentação, pois entendiam que era impossível fazer com que regimes tirânicos seguissem regras civilizadas mediante acordos e somente a redemocratização poderia garantir a submissão e convergência de interesses.

Para Kristol e Kagan, os Estados Unidos erraram no início dos anos noventa na Guerra do Golfo em não prosseguir até Bagdá para derrubar Saddam Hussein, como também criticaram as forças da OTAN que

²² VAISSE, J. Was Irving Kristol a Neoconservative? Disponível em: www.foreignpolicy.com/articles/2009/09/23.html

deveriam ter seguido além de Kosovo para depor Misolevic na Sérvia.

Defendiam não somente as mudanças de regime político nos Estados denominados de malévolos, como Iraque, Coréia do Norte e Irã, mas também na China, que, até então, antes dos ataques terroristas do Onze de Setembro, era considerada a principal componente.

Para Fukuyama, a agenda de Kristol e Kagan tornou-se indelevelmente associada ao Governo George Walker Bush, pois, segundo o autor, influenciou e definiu a política externa neoconservadora.²³

Projeto de um Novo Século Americano: Declaração de Princípios.

O “Projeto para o novo Século Americano” inaugurado em junho de 1997, na declaração de seus princípios, pelo grupo²⁴ de neo conservadores declara que o objetivo da Instituição é mudar a situação, ou seja, apoiar o restabelecimento da liderança global americana que liderou a vitória do Ocidente na Guerra Fria.

Para esta nova geração de neo conservadores, a América se deparava com uma oportunidade de remodelar o sistema internacional, haja vista sua proeminência política, militar e econômica. O problema era que os Estados Unidos, naquele momento, além de não estarem realizando investimentos nas áreas militares, já comentados em 1992, o Governo Clinton estava promovendo cortes no orçamento da defesa, o que, para os autores, teria como consequência o comprometimento da habilidade da nação de enfrentar as novas ameaças.

Relembrem que para manter a liderança, os Estados Unidos deveriam recuperar as ações do Governo Reagan. Como segue:

Parece que sempre nos esquecemos dos elementos essenciais do sucesso da Administração Reagan: [1] uma força militar forte e preparada para desafios presentes e futuros; [2] uma política externa corajosa que promoveu os princípios da América no exterior e uma liderança nacional que aceitou as responsabilidades globais dos Estados Unidos. É claro que os Estados Unidos devem

²³ FUKUYAMA, F. *America at the crossroads: democracy, power, and the neoconservative legacy*.p.40-41.

²⁴ Entre o membros mais influentes encontramos: Elliott Abrams; William J. Bennett; Jeb Bush; Dick Cheney; Eliot A. Cohen; Aaron Friedberg; Francis Fukuyama; Fred C. Ikle; Donald Kagan; Zalmay Khalilzad; I. Lewis Libby; Norman Podhoretz; Dan Quayle; Donald Rumsfeld e Paul Wolfowitz. Disponível em: <http://newamericancentury.org/statementofprinciples.html>. Acesso em : 28 de março de 2009.

ser prudentes em como exercitar o seu poder, mas não podemos escapar das responsabilidades de uma liderança global ou dos custos que estão ligados ao exercício desta. A América tem uma responsabilidade global na manutenção na Europa, Ásia e Oriente Médio [...] se nos esquivarmos de nossas responsabilidades, atrairemos os desafios para os nossos interesses fundamentais²⁵

PROJETO DE UM NOVO SÉCULO AMERICANO: RECONSTRUINDO A DEFESA DAS AMÉRICAS.

Em 2000 foi publicado o artigo “Reconstruindo a Defesa das Américas” com o objetivo de discutir uma nova revisão de defesa, a fim de que os Estados Unidos pudessem manter o exercício da sua liderança. Os autores²⁶ percebem uma ausência de um novo planejamento de defesa para os Estados Unidos, pois desde o fim da Guerra Fria o país está lutando para formular uma coerente estratégia de segurança nacional que mantenha a prevalência do poder americano nas novas realidades do século XXI.²⁷

As críticas estão baseadas no fato de que mesmo após as vitórias no último século, duas Guerras Mundiais, a Guerra Fria e a Guerra do Golfo, os Estados Unidos encontram-se na posição do único líder poderoso, mas vivem uma situação paradoxal. Isto é, enquanto o poder americano e a sua influencia estão no apogeu, as Forças Armadas dos Estados Unidos tinham perdido o dinamismo e estavam demonstrando fadiga e exaustão.

Dirigem suas críticas ao Governo Clinton, pela redução do contingente das Forças Armadas no patamar de 3% do PIB, ou seja, próximos dos valores do início dos anos 90.

A necessidade de uma renovação está vinculada à mudança do cenário internacional, pois os Estados Unidos saíram de um mundo bipolar para um mundo que é tendencialmente unipolar e a América é a única superpotência

²⁵ PROJETO PARA O NOVO SÉCULO AMERICANO. Declaração de Princípios. Disponível em: <http://newamericancentury.org/statementofprinciples.html>. Acesso em: 10. Set.2005.

²⁶ São diversos autores envolvidos no Projeto e que participaram da discussão da nova revisão de defesa. Entre eles podemos apontar: Eliot Cohen, Donald Kagan, Fred Kagan, Robert Kagan, William Kristol, I. Lewis Libby, Mackubin Owens e Paul Wolfowitz. Cf. PROJETO PARA O NOVO SÉCULO AMERICANO. Reconstruindo a Defesa para as Américas. Disponível em: <http://newamericancentury.org/RebuildingAmericasDefenses.pdf>. Acesso em: 10. Set.2005.

²⁷ PROJETO PARA O NOVO SÉCULO AMERICANO. Reconstruindo a Defesa para as Américas. Disponível em: <http://newamericancentury.org/RebuildingAmericasDefenses.pdf>. Acesso em: 10. Set.2005

global e multidimensional.

O objetivo estratégico utilizado na Guerra Fria para deter o expansionismo soviético, hoje é substituído para preservar o meio ambiente da segurança internacional, útil para os interesses e ideais americanos. Afirmavam os autores na ocasião, que a tarefa é garantir e expandir as zonas de paz democráticas para deter o surgimento de um novo competidor, defender as regiões-chave como a Europa, o leste da Ásia e o Oriente Médio e preservar a preeminência na maneira de fazer a guerra com o domínio das novas tecnologias.

De 1945 até 1990, as Forças Armadas dos Estados Unidos estavam preparadas para um único inimigo ou uma guerra global única através de vários teatros, e, no novo século, a perspectiva é de uma variedade de teatros de guerra ao redor do globo, contra adversários distintos, possuindo separados e diferentes objetivos.

Durante a Guerra Fria, o principal teatro da rivalidade entre os Estados Unidos e a União Soviética, o centro de gravidade estratégico, era a Europa, região onde os Estados Unidos e a OTAN estavam preparados com forças convencionais e estratégicas para expulsar um ataque soviético.²⁸

No século XXI, o novo centro estratégico mudou para o leste da Ásia e as missões para as Forças Armadas americanas não só diminuíram como mudaram, pois as novas ameaças têm novos endereços, são regionalizadas e possuem características diferentes.

Esses aspectos representam os motivos da necessidade de uma urgente revisão de defesa, e esta tem de ser feita tendo como meta atender a quatro aspectos: a) manter a defesa interna; b) ter condições de lutar e vencer múltiplas guerras de grande escala; c) liderar operações de paz e, por último, d) realizar a transformação das Forças Armadas.²⁹

GOVERNO GEORGE W. BUSH: ESTRATÉGIA DE SEGURANÇA NACIONAL.

No primeiro mandato do Presidente Bush, os EUA foram atacados

²⁸ PROJETO PARA O NOVO SÉCULO AMERICANO. Reconstruindo a Defesa para as Américas. p.3 Disponível em: <http://newamericancentury.org/RebuildingAmericasDefenses.pdf>. Acesso em: 10. Set.2005.

²⁹ PROJETO PARA O NOVO SÉCULO AMERICANO. Reconstruindo a Defesa para as Américas. p.6 Disponível em: <http://newamericancentury.org/RebuildingAmericasDefenses.pdf>. Acesso em: 10.Set.2005.

em seu próprio território pelo grupo islâmico radical Al Qaeda, o que fez com o Governo Bush reagisse àquele evento com o anúncio de uma nova doutrina estratégica de ação preventiva, que levaria a guerra até o inimigo em substituição às velhas estratégias da Guerra Fria, como a doutrina da contenção ou dissuasão. A invasão do Afeganistão, depondo o regime talibã, que teria dado abrigo ao Al-Qaeda, e a invasão do Iraque, com a alegação de que Sadam Hussein possuía ou estava planejando adquirir armas de destruição em massa, foram os resultados dessa nova estratégia.³⁰

A nova doutrina foi anunciada em forma de discursos, declarações políticas como as do State of Union, palestras em West Point em 2002, discursos no American Enterprise Institute³¹ e na formulação do The National Security Strategy of The United States, publicado em setembro de 2002.

Uma das características dessa nova doutrina foi adotar uma postura unilateralista, baseada nas idéias contidas na “Orientação do Planejamento de Defesa” de 1992, o qual afirmava que os EUA teriam o compromisso de manter um mundo unipolarizado, o que significou o interesse de não ter nenhum concorrente à altura, ou seja, sem os EUA nenhuma coalizão de grandes potências lograria conquistar uma posição hegemônica.

Em outras palavras, os Estados Unidos não buscariam segurança por intermédio de uma estratégia realista, nem atuariam em sistema global de equilíbrio de poder, ou tampouco buscariam uma estratégia liberal em que as instituições, a democracia e os mercados integrados acabariam por reduzir a importância da política de poder. O objetivo era manter os EUA mais poderosos do que quaisquer outros Estados importantes no que tangesse às questões de segurança e rivalidade estratégica.³²

³⁰ FUKUYAMA, F. *America at the crossroads: democracy, power, and the neoconservative legacy*. p. 3.

³¹ AMERICAN ENTERPRISE INSTITUTE: Este é um think tank que sustentou intelectualmente o Governo Bush a ponto de ser esta instituição reconhecida pelos serviços prestados na formulação de ideias que ajudaram os Estados Unidos a enfrentar os seus desafios. Discurso do Presidente Bush no AEI “...No American Enterprise Institute, encontramos as mais sofisticadas mentes de nosso país e que estão trabalhando neste momento em um dos nossos maiores desafios. Vocês fizeram um bom trabalho [...] e quero agradecer-lhes pelos serviços prestados ao nosso país ao longo desses sessenta anos e particularmente a este Governo...”. Cf THE WHITE HOUSE PRESIDENT GEORGE W BUSH - President Discusses the Future of Iraq. Release Office of The Press Secretary, Feb, 26, 2003. Available in <http://www.whitehouse./news/releases/2003/02/print/20030226-11.html>
O American Enterprise Institute for Public Policy Research (AEI) foi fundado em 1943 e se dedica a preservar e fortalecer as fundações da liberdade a saber: manter um governo limitado, incentivar iniciativa privada e uma forte política externa de defesa nacional. Cf. TEIXEIRA. Os Think Tanks e sua influencia na política externa dos EUA. p.202.

³² Esse objetivo foi mencionado pela primeira vez no final do Governo Bush, pai, em um memorando do Pentágono, que vazou para a imprensa, de autoria do Secretário Adjunto da Defesa, Paul Wolfowitz, que afirmou na ocasião que com a derrocada da ex URSS, os EUA deveriam evitar a ascensão de concorrentes equiparáveis na Europa e na Ásia Cf. IKENBERRY, *Ambição Imperial*. p.28.

Quanto às análises das ameaças globais e a forma pela qual elas deveriam ser combatidas, entendiam que estavam enfrentando uma nova realidade, isto é, os surgimentos de grupos terroristas, possivelmente auxiliados por Estados delinquentes, os quais poderiam adquirir armas nucleares, químicas e biológicas e assim infligir uma destruição catastrófica. Essas idéias podem ser verificadas na declaração do Presidente Bush na Academia de West Point, em 01 de Junho de 2002, que faz parte do documento “Estratégia de Segurança Nacional”.

Novos desafios surgiram a partir dos Estados “delinquentes” e dos ataques terroristas, cujas ameaças não conseguem rivalizar com o alto poder destrutivo do antigo Império Soviético. Contudo, a natureza e as motivações desses novos adversários, a sua determinação em obterem condições de aumentar o seu poder destrutivo, até agora disponíveis apenas aos Estados mais poderosos do mundo, apontam que provavelmente terão acesso às armas de destruição em massa. A década de noventa testemunhou a emergência de um pequeno número de Estados delinquentes que, de diferentes maneiras, partilham dos mesmos valores e do mesmo sentimento que é o ódio aos Estados Unidos.³³

Seguindo as orientações do documento “Quadrienal Revisão de Defesa”, a nova estratégia sustenta que a concepção adotada na Guerra Fria, que se apoiava no conceito de coibição, está ultrapassada, pois esse conceito opera de forma conjunta com o conceito de soberania e equilíbrio de poder. A velha estratégia defensiva de construir mísseis e outras armas capazes de sobreviver a um primeiro ataque, e serem em seguida utilizadas em retaliação para punir o agressor, não mais constitui garantia de segurança, pois o ataque terrorista não está sendo representado por outras grandes potências e, sim, por redes subversivas internacionais sem residência fixa.

Por isso, a única opção seria manter uma atitude ofensiva e teria, portanto, que ser preemptiva e até mesmo preventiva, isto é, combatendo potenciais ameaças, antes que possam se transformar em um enorme problema. As velhas estratégias realistas e liberais que sustentaram a Doutrina de Contenção esgotaram-se, pois o ataque no Onze de Setembro demonstrou que estamos vivendo em um mundo de ameaças assimétricas.³⁴

O Secretário de Defesa, Donald Rumsfeld, em seu artigo “Transforming the Military”, publicado na Revista Foreign Affairs em 2002 demonstra a

³³ BUSH, G. V - Prevent our Enemies from Threatening Us, Our Allies, and Our Friends with Weapons of Mass Destruction.13-14. Cf. THE NATIONAL SECURITY STRATEGY OF THE UNITED STATES, September, 2002. Available: <http://www.whitehouse.gov/nsc/nss.html>

³⁴ IKENBERRY, A Ambição Imperial. pp.32.

adoção das idéias apontados dez anos antes no esboço da “Orientação para Planejamento de Defesa”.

Ao analisar as diferenças do mundo da Guerra Fria e do pós-Guerra Fria, Rumsfeld observa que as novas ameaças surgidas no rastro do desaparecimento da União Soviética implicarão decididamente na mudança do pensamento estratégico americano no século XXI.

Diz o Secretário:

Durante a Guerra Fria enfrentávamos um conjunto de ameaças razoavelmente previsível. Nós sabíamos bastante sobre o adversário e suas capacidades, e desenvolvíamos as estratégias e as capacidades para detê-los. E tivemos sucesso.[...] E por mais de meio século, essa mistura de estratégia, forças e capacidades nos permitiu manter a paz e defender a liberdade. Mas a Guerra Fria acabou e a União Soviética não existe mais; e com ela desapareceu o ambiente familiar de segurança com que o nosso país tinha se acostumado.

Nosso desafio neste século é difícil: temos de defender nossa nação contra o desconhecido, o incerto, o invisível e o inesperado. Pode parecer impossível, mas não é. Precisamos abandonar as formas de pensar e de planejar, assumir riscos, e experimentar coisas novas, para que possamos conter e derrotar adversários que ainda não apareceram para nos desafiar ³⁵. [grifos e tradução nossos].

Na nova estratégia, está reformulado o conceito de “guerra em dois teatros”, pois essa abordagem foi útil apenas no período do imediato pós-Guerra Fria para manter duas grandes forças de ocupação, capazes de invadir e tomar capitais de dois agressores e simultaneamente mudar os seus regimes, contudo ela não serve mais no mundo das novas ameaças do século XXI.

Os Estados Unidos têm de estar preparados para agir em contingências inesperadas e, para isso, há necessidade de reformular o aparato militar. Ou seja, os Estados Unidos deveriam dar mais ênfase à contenção em quatro teatros cruciais simultaneamente.

Outra mudança está em abandonar a antiga “estratégia de ameaças” e passar para a “estratégia de capacidades”, ou seja:

Adotar uma nova abordagem de capacidades que se concentra menos em quem pode nos ameaçar, ou

³⁵ RUMSFELD, D. Transforming the Military. Foreign Affairs. Vol.81. Number 3. May-June.2002.p.22-23.

onde, e mais em como podemos ser ameaçados e o que é necessário para impedir e para nos defender contra tais ameaças³⁶. [grifos e tradução nossos].

Na apresentação da nova estratégia para a manutenção da paz e a defesa no século XXI aponta seis objetivos de transformação, já trabalhados no documento “Orientação do Planejamento de Defesa” e nos artigos do PNAC:

Primeiro; proteger o solo norte-americano e nossas bases no estrangeiro; segundo, projetar e manter nosso poderio em teatros distantes; terceiro, negar asilo a nossos inimigos, fazendo-os saber que nenhum canto do mundo é remoto o suficiente, que nenhuma montanha é alta o suficiente, nenhuma caverna é profunda o suficiente [...] para tirá-los do nosso alcance; quarto, proteger nossa rede de informação de uma ataque inimigo; quinto, usar tecnologias de informação pra conectar diferentes tipos de forças americanas de forma que possam lutar com cooperação; e sexto, manter acesso ilimitado ao espaço, e proteger nossas capacidades espaciais de ataques inimigos³⁷. [grifos e tradução nossos].

Corroborando as orientações do grupo de especialistas do Pentágono que produziram o guia de defesa de 1992, Rumsfeld apresenta as propostas para aumento de fundos a fim de atender não só ao investimento em tecnologia, assim como ao processo de transformação militar. De acordo com Rumsfeld:

Nosso objetivo não é transformar totalmente as Forças Armadas norte-americanas em um ano, ou mesmo em uma década. [...] A transformação das Forças Armadas³⁸ não é um acontecimento; é um processo contínuo. Não haverá um ponto em que possamos dizer que as forças americanas foram “transformadas”³⁹ [grifos e tradução nossos].

De novo, recorreremos à citação direta, sintetizando alguns pontos que justificam o processo de transformação militar, para atender à nova estratégia do século XXI, a saber:

As guerras do século XXI exigirão cada vez mais o uso de todos os elementos do poderio nacional:

³⁶ Ibidem, p.24.

³⁷ RUMSFELD, D. Transforming the Military. Foreign Affairs. Vol.81. Number 3. May-June.2002.p.24.

³⁸ e ³⁹ Ibidem, Loc. Cit.

aspectos econômicos, diplomáticos, financeiros, policiais, de inteligência e de operações militares secretas e abertas. Segundo, a capacidade das forças de se comunicar e operar sem falhas no campo de batalha será crucial para o sucesso.[...] Quarto, as guerras podem, decerto, ser beneficiadas pela formação de coalizões, mas elas não devem ser tratadas por comitês. É a missão que deve determinar a coalizão, e não a coalizão determinar a missão, do contrário, a missão será emburrecida pelo mínimo denominador comum; Quinto, a defesa dos Estados Unidos exige prevenção e, por vezes, preempção. Não é possível nos defender contra todas as ameaças, em todos os lugares, em todos os momentos imagináveis. Para defender o país contra o terrorismo, e contra outras ameaças que venham surgir, devemos levar a guerra até o inimigo. A melhor - e alguns casos, a única - defesa é o ataque [grifos e tradução nossos].⁴⁰

Essa idéia de que os EUA devem reivindicar para si o direito do uso da força militar em caráter preventivo⁴¹ pode ser verificada na formulação do documento Estratégia de Segurança Nacional :

Os Estados Unidos estão travando uma Guerra contra os terroristas de alcance global. O inimigo não é um único regime político ou pessoa ou uma religião ou uma ideologia. O inimigo é o terrorismo - premeditado, politicamente motivado pela violência perpetrada contra inocentes. ...[...] Nós não hesitaremos em agir sozinhos, se necessário, para exercer o nosso direito de auto defesa, agindo preemptivamente contra esses terroristas, a fim de evitar danos contra o nosso povo e nosso país.[...] Ao mesmo tempo reconhecemos que a nossa melhor defesa é o ataque.[...] [grifo e tradução nossos].⁴²

⁴⁰ RUMSFELD,D. Transforming the Military. Foreign Affairs. Vol.81. Number 3. May-June.2002.p, 31.

⁴¹ Preempção: O significado estratégico é uso prematuro das forças militares; prematuro, pois tal teoria baseia-se em atacar quando o inimigo está a caminho ou no mínimo existe a iminência. Prevenção: não há uma guerra, apenas uma possibilidade desta ou no mínimo uma ameaça que possa causar danos no futuro. Ela pode funcionar de maneira estratégica, diplomática, econômica, subversiva e militar. Cf. GRAY, C. The Implications of Preemptive and Preventive War Doctrines: A reconsideration. Strategic Studies Institute. United States Army War College. Disponível em <http://www.strategicstudiesinstitute.army.mil/Pubs/display.cfm?pubID=789>. Acesso em 06 Jul. 2008.

⁴² BUSH, G. III - Strength Alliances to Defeat Global Terrorism and Work to Prevent Attacks Against Us and Our Friends.p.5-6. Cf. THE NATIONAL SECURITY STRATEGY OF THE UNITED STATES, September, 2002. Available: <http://www.whitehouse.gov/nsc/nss.html>

ANÁLISE DOS DOCUMENTOS: CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Como podemos verificar, nota-se que há uma significativa convergência de questões, temas e problemas da “Orientação do Planejamento de Defesa” no artigo “Reconstrução de Defesas da América” e nos documentos oficiais do Governo George Walker Bush “Revisão Quadrienal de Defesa”⁴³, de setembro de 2001, e na “Estratégia de Segurança Nacional”, de setembro de 2002.⁴⁴

Toda a discussão apresentada no período da confecção “Orientação do Planejamento de Defesa” estão presentes com ênfase nos seguintes itens: [1] Conceito estratégico aponta que os Estados Unidos devem preservar sua liderança fortalecendo suas alianças para diminuir as ameaças. As ferramentas incluem medidas políticas e econômicas, operações de manutenção de paz, assistência humanitária, como também medidas de segurança para prevenir emergência de países não democráticos em áreas críticas; [2] Superioridade tecnológica é uma das três exigências permanentes, e os Estados Unidos devem manter um robusto investimento em ciência e tecnologia; [3] dissuasão estratégica deve ser mantida com a mais alta prioridade dos Estados Unidos, pois a sobrevivência pode estar em risco em questões de segundos; [4] Presença permanente no exterior como outro elemento que significa a manutenção do sistema coletivo de defesa, no qual os Estados Unidos demonstram capacidade para trabalhar com amigos e aliados, diminuindo o custo da manutenção da defesa e evitando competições desnecessárias. Todas esses assuntos e questões são direcionados à preocupação da manutenção das capacidade de antecipar crises regionais, antes que elas tornem-se uma séria ameaça aos interesses de segurança. Esses pontos naturalmente são um desdobramento das discussões e debates apontados nos rascunhos da “Orientação do Planejamento de Defesa”.

Para Brzezinski:

O documento (“Orientação do Planejamento de Defesa”) plantou as sementes intelectuais para a política da preempção e da prevenção unilateralista que emergiria uma década depois. Entretanto, os autores desse documento, que ocupavam os cargos de nível médio em 1992, tinham reaparecido nos cargos de chefia no Departamento de Estado e no Conselho de Segurança Nacional, enquanto o principal patrocinador desse documento, que na época ocupava o cargo de Secretário de Defesa, Cheney, ressurgiu em 2001 como Vice Presidente dos Estados Unidos.⁴⁵

⁴³ Em inglês : Quadrennial Defense Review.

⁴⁴ DINIZ, E. Encerrando a Guerra Fria: revisão da postura global. Conjuntura Internacional. 5 de outubro de 2004.p.1-5.

⁴⁵ BREZEZINSKI, Z. Second Chance.p.81.

REFERÊNCIAS:

- BANDEIRA, L. M. Dimensão estratégica e política externa dos EUA. In: CONFERÊNCIA NACIONAL DE POLÍTICA EXTERNA E POLÍTICA INTERNACIONAL; "O Brasil no mundo que vem aí". 3., 2008. Rio de Janeiro. Estados Unidos. Rio de Janeiro: Fundação Alexandre Gusmão; Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais 2008.
- BANDEIRA, L. M. Formação do Império Americano. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.
- BOOT, M. What the heck is a "NeoCon"? Council on Foreign Relations, New York, NY, dec. 2002. Disponível em: <http://www.cfr.org/publication/5343/what_the_heck_is_a_neocon.html>. Acesso em: 18 abr. 2009.
- BREZEZINSKI, Z. Second chance. New York: Basics Book, 2007.
- BURR, W. "Prevent the Reemergence of a New Rival": the making of the cheney regional defense strategy, 1991-1992. National Security Archive, Washington, D.C., Feb. 2008. Seção The Nuclear Vault. Disponível em: <<http://www.gwu.edu/~nsarchiv/nukevault/ebb245/>> Acesso em: 10 dez. 2009.
- BUSH, George W. President Discusses the Future of Iraq. The White House, Washington, D.C., Feb. 2003. Disponível em: <<http://georgewbush-whitehouse.archives.gov/news/releases/2003/02/20030226-11.html>>. Acesso em: 10 nov. 2003.
- DINIZ, E. Encerrando a Guerra Fria: revisão da postura global dos EUA, Conjuntura Internacional, Minas Gerais, out. 2004.
- DONNELLY, Thomas. Rebuilding america's defenses: strategy, forces and resources for a new century. Project for the New American Century, Washington, D.C., Sept. 2000. Disponível em: <<http://www.newamericancentury.org/rebuildingamericandefenses.pdf>>. Acesso em: 10 set. 2005.
- EXCERPT from Pentagon's Plan: 'prevent the re emergence of a New Rival'. The New York Times, Mar. 1992. Seção World. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/1992/03/08/world/excerpts-from-pentagon-s-plan-prevent-the-re-emergence-of-a-new-rival.html?pagewanted=all&src=pm>>. Acesso em: 07 ago. 2008.
- FEITH, D. War and decision: inside the Pentagon at the dawn of the war of terrorism. New York: Harper Collins, 2002.
- FUKUYAMA. America at the crossroads: democracy, power and the neoconservative legacy. New Haven: Yale University, 2006.
- GOLDGEIGER, D; CHOLLET, J. America between the wars: from 11/09 to 09/11. New York: Persus Book, 2008.
- GRAY, Colin S. The implications of preemptive and preventive war doctrines: a reconsideration. Strategic Studies Institute, July 2007. Disponível em: <<http://>>

www.strategicstudiesinstitute.army.mil/Pubs/display.cfm?pubID=789>. Acesso em: 06 Jul. 2008.

KIRKPATRICK, J. "NeoConservatism as a response to the counter culture". In: STELZER, I. (Ed.). *The NeoCon Reader*. New York: Grove Press, 2004.

KRAUTHAMMER, C. The unipolar moment. *The Washington Post*, July 1990. Section: OP/ED. p a.19.

KRISTOL, W.; KAGAN, R. Toward a neo reaganite foreign policy. *Foreign Affairs*, v. 75, n.4, p. 18-32, July/Aug. 1996.

MANN, J. *Rise of the vulcans: the history of bush's war cabinet*. New York: Penguins Books, 2002.

NATIONAL SECURITY COUNCIL (U.S.). *A National Security Strategy for a New Century*. [Washington, D.C.] : The White House : [National Security Council], 1999. Disponível em: <<http://clinton4.nara.gov/media/pdf/nssr-1299.pdf>>. Acesso em: 15 nov 2009.

NATIONAL security council. *The White House, Washington, D.C.* [19--]. Disponível em: <<http://www.whitehouse.gov/nsc/nss.html>>. Acesso em : 10 nov. 2003.

RUMSFELD, D. Transforming the military. *Foreign Affairs*, v. 81, n.3, p. 20-32, May/ June, 2002.

STATEMENT of Principles. *Project for the New American Century*, Washington, D.C. June 1997. Disponível em: <<http://www.newamericancentury.org/statementofprinciples.htm>>. Acesso em: 10 set. 2005.

Recebido em: 14/10/2011

Aceito em: 29/11/2011